

A crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade

Anselmo de Oliveira Rodrigues*

Introdução

A invasão realizada pela Rússia ao território ucraniano, em 24 de fevereiro de 2022, provocou as mais diversas reações da sociedade. Inicialmente, grande parte dos analistas adotaram cautela e entenderam que aquele momento representava o estopim de um possível conflito entre Estados. A imprensa em geral, em tom mais midiático, rapidamente cunhou a investida russa pelo termo de *guerra*, postura que foi seguida por alguns países, como a Alemanha e os Estados Unidos da América (EUA), que não titubearam em definir a agressão russa como *guerra*, pois entenderam que os russos haviam invadido o território ucraniano e, dessa forma, teriam infringido a soberania de outro país. A Rússia, por seu turno, defendeu que sua ação era uma operação militar especial que visava, tão somente, reconhecer a independência das províncias ucranianas de Luhansk e Donetsk, na região do Donbass. A Organização das Nações Unidas (ONU), por sua vez, sem poder fazer nada diante do veto impetrado pela Rússia no Conselho de Segurança Permanente, limitou-se a condenar a Rússia e defendeu que as divergências entre os dois países deveriam ser tratadas pelos canais diplomáticos.

Decorridos alguns meses desde o início da incursão russa, há várias evidências de que o que ocorre atualmente no Leste Europeu é uma guerra clássica entre Estados (COSTA, 2022). Diariamente, as mídias apresentam cenas de um país que está sofrendo os efeitos colaterais típicos de uma guerra: mobilidade humana forçada, cidades literalmente destruídas, mobilização nacional decretada, atuação de companhias privadas

de segurança em solo ucraniano, população civil em armas etc. Ou seja, as imagens e as informações disponibilizadas pelos mais diversos meios de comunicação deixam pouca margem à dúvida de que 24 de fevereiro de 2022 foi o primeiro dia da guerra entre Rússia e Ucrânia.

De maneira impensável ao mundo ocidental até pouco tempo atrás, a guerra entre Estados e, em particular, a que está sendo travada entre Rússia e Ucrânia, paulatinamente vai ocupando uma posição de destaque na agenda internacional, que, desde o término da Guerra Fria, vinha priorizando temas como meio ambiente, direitos humanos e perspectiva de gênero (COSTA, 2022). Entretanto, no Brasil, a defesa e, consequentemente, a guerra são de responsabilidade de todos os integrantes da sociedade (BRASIL, 2012). Em outras partes do globo, as questões associadas à guerra e à paz já vêm sendo estudadas por diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da ciência política, direito, ciências militares e relações internacionais (RODRIGUES; MIGON, 2017). Desde Hugo Grotius até Norberto Bobbio (MIGON, 2012), passando por Clausewitz (HOWARD, 2002), alargado rol de pensadores e perspectivas sobre o fenômeno da guerra têm sido trazidos a lume, o que tem gerado valiosas contribuições à sociedade.

Tendo em vista que a guerra é um fenômeno social, incerto, complexo e que é deflagrada em múltiplos domínios (VISACRO, 2020), inúmeras abordagens vêm sendo realizadas para analisar a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Sem adentrar em juízo de valor sobre determinada abordagem, acredita-se que todas as perspectivas utilizadas não se confundem, mas se complemen-

* TC Inf (AMAN/1998, EsAO/2006, ECEME/2015). Concluiu o doutorado em Ciências Militares pela ECEME em 2019 e possui o Curso de Estudos em Segurança e Defesa na ANEPE/Chile em 2019. Atualmente, é instrutor da ECEME.

tam e se inter cruzam (FARIAS, 2022). Afinal, questões complexas não requerem soluções simples e, como a guerra é um fenômeno complexo, torna-se necessário analisá-la nos seus mais variados domínios. Ou seja, tão importante como entender o conflito bélico em si é depreender como estão posicionados e como se movimentam os principais atores dessa crise no tabuleiro geopolítico global.

Em vista dessa realidade, o artigo procura dar sua contribuição e se propõe a analisar a crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade. Sem ter a pretensão de esgotar o assunto, esta pesquisa busca se inserir em uma prateleira de conhecimentos relativa à citada crise e, dessa forma, pretende se tornar mais uma fonte disponível para auxiliar a sociedade no entendimento sobre a guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Para atingir tal objetivo, este artigo está estruturado da seguinte forma: na introdução, é destacada a conduta de alguns atores na guerra entre Rússia e Ucrânia, da mesma forma que é enfatizada a necessidade de a sociedade estudar o fenômeno da guerra. Na sequência, discorre-se sobre a teoria da complexidade e a metodologia que foi aplicada durante a pesquisa. Posteriormente, são analisados a postura e o comportamento da Rússia, dos EUA, da Europa e da Ucrânia diante de cinco eventos históricos, cuja magnitude e importância são de tal monta que foram capazes de modificar o *status quo* e a atitude desses quatro atores. Na parte final, são realizadas algumas inferências sobre a crise no Leste Europeu.

Considerações teórico-metodológicas

Para analisar a crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade, torna-se necessário entendê-la e como dialoga com este artigo, afinal a teoria da complexidade não é algo simples. Como o próprio nome diz, a teoria é complexa, logo requer conhecimento e reflexão aprofundados sobre o assunto. Diante dessas circunstâncias, este artigo busca, precipuamente, dar luz a determinados aspectos dessa teoria, considerados importantes para a proposta deste trabalho.

O que vem a ser a teoria da complexidade?

Uma das pesquisas mais abrangentes realizadas sobre a teoria da complexidade foi elaborada pelo jornalista norte-americano John Horgan e publicada em 1995, no periódico *Scientific American*. Denominado de *From Complexity to Perplexity*, o artigo publicado por John Horgan apresentou um estudo bastante amplo sobre o que vem a ser a teoria da complexidade, oportunidade em que pôde apresentar a presença de, pelo menos, 31 definições existentes acerca dessa teoria. Haja vista o caráter multidisciplinar em sua concepção, Horgan (1995) indicou que a teoria da complexidade poderia ser aplicada a vários ramos da ciência.

Desde então, inúmeros cientistas e acadêmicos se propuseram a aplicar a teoria da complexidade em seus estudos e, conseqüentemente, diversos debates se sucederam após a publicação desse artigo. Inserido nesse universo, Geyer e Rihany (2010) propuseram que a teoria da complexidade poderia auxiliar o entendimento sobre o comportamento e atitudes de determinados atores de um sistema complexo, haja vista que o sistema e os processos ocorridos nele não possuíam a estabilidade adequada para que se pudessem elaborar conceitos teóricos universais sobre o próprio sistema.

No ano seguinte, Bousquet e Curtis (2011) complementaram o estudo realizado pela dupla anterior e compreenderam que a teoria da complexidade era a mais adequada para analisar o comportamento dos integrantes de um sistema complexo, pois ela possibilitava averiguar as causas e os efeitos das interações lineares e não lineares estabelecidas pelos componentes desse sistema. Ou seja, a dupla concluiu que a teoria da complexidade era capaz de identificar e estudar os distintos mecanismos de retroalimentação de um sistema complexo.

E assim, com o tempo, a teoria da complexidade foi se tornando cada vez mais requisitada entre os pesquisadores e os cientistas em suas investigações. Atualmente, a teoria da complexidade vem sendo empregada em situações de toda ordem, que variam desde questões do dia a dia até relações causa-efeito do comportamento dos integrantes de um sistema complexo.

Como a teoria da complexidade dialoga com a proposta desta pesquisa?

Tendo em vista que o sistema internacional é, *per se*, um sistema complexo em sua essência (RODRIGUES; MIGON, 2019), a crise no Leste Europeu pode ser analisada à luz da teoria da complexidade, mais precisamente no entendimento de que o sistema internacional, da mesma forma que o sistema complexo, possui relações lineares e não lineares em sua estrutura, cuja característica principal reside na desobediência a uma regra de proporcionalidade entre as ações de entrada e saída dos componentes desse sistema (BOUSQUET; CURTIS, 2011).

Tal característica ocasiona o famoso “efeito borboleta”, pelo qual determinados eventos podem gerar pequenos estímulos em algumas partes do sistema, da mesma forma que podem ocasionar grandes impactos em outras partes desse mesmo sistema (BOUSQUET; CURTIS, 2011). No caso em estudo, entende-se que determinados fatos históricos ocorridos no sistema internacional foram capazes de moldar o comportamento, em maior ou menor grau, dos principais atores inseridos na crise do Leste Europeu: EUA, Rússia, Europa e Ucrânia.

Sem desconsiderar os fatos históricos e as relações estabelecidas por esses atores anteriormente, este artigo irá analisar o comportamento e os movimentos geopolíticos realizados pelos EUA, Rússia, Europa e Ucrânia diante de cinco eventos históricos ocorridos a partir de 1980: 1) a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder na ex-URSS, em 1985; 2) a queda do muro de Berlim em 1989; 3) os atentados terroristas ocorridos nos EUA, em 11 de setembro de 2001; 4) o surgimento do Estado Islâmico em 2014; e 5) a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão em 2021. Esses fatos históricos foram selecionados, pois acredita-se que eles são determinantes para compreender o que está acontecendo atualmente no Leste Europeu.

A ascensão de Mikhail Gorbachev na ex-URSS e o colapso do comunismo

Antes de analisar a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder e as consequências desse episódio para a ex-URSS, EUA, Europa e Ucrânia, é importante realizar uma breve digressão histórica, procedimento essencial para iluminar alguns pontos, considerados fundamentais para proporcionar uma adequada consciência situacional sobre a crise no Leste Europeu.

No início da década de 1980, sob a égide da Guerra Fria, as divergências entre norte-americanos e soviéticos eram bastante elevadas e estavam presentes em vários segmentos. Para que se tenha uma ideia, nem os esportes ficaram imunes a essa rivalidade. Durante os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980, os EUA, juntamente com outros 62 países capitalistas, em protesto à invasão realizada pela ex-URSS no Afeganistão em 1979, recusaram-se a participar das Olimpíadas de Moscou e boicotaram os jogos olímpicos. Segundo Gavini (2020), as Olimpíadas de Moscou foram as que sofreram o maior boicote da história dos jogos olímpicos.

De maneira semelhante, apenas 4 anos depois, por ocasião das Olimpíadas de Los Angeles em 1984, o mundo presenciou outro boicote. Dessa vez, alegando falta de segurança de suas delegações esportivas, a ex-URSS e 13 países da Cortina de Ferro também não quiseram participar das Olimpíadas de Los Angeles e boicotaram os jogos olímpicos (GAVINI, 2020).

Tais fatos ocorridos na esfera esportiva dão uma noção do grau de hostilidades que havia entre russos e norte-americanos no início da década de 1980. Todavia, enquanto os demais países do globo assistiam norte-americanos e soviéticos duelarem nos mais variados campos do poder, internamente a ex-URSS atravessava forte turbulência nos campos econômico, político e psicossocial. E foi nesse ambiente que Mikhail Gorbachev ascendeu ao poder na ex-URSS, em 1985.

De postura neoliberal, Mikhail Gorbachev envidou esforços para retirar a ex-URSS da crise que enfrentava. De todas as ações implementadas por ele, duas se destacaram e ficaram mundialmente conhecidas: *Glasnost* e *Perestroika*. Em síntese, a *Glasnost* era uma política

pública voltada para tornar as ações estatais mais transparentes e aumentar a liberdade de expressão, sobretudo da imprensa. Já a *Perestroika* era uma política pública que pretendia desburocratizar a máquina estatal e previa a descentralização da tomada de decisões no âmbito econômico (RODRIGUES; PEREIRA, 2020).

Sem, no entanto, possuir a robustez político-econômica dos EUA e com uma sociedade totalmente despreparada para conviver com o capitalismo e com a globalização que ora se descortinava, o líder soviético não obteve o sucesso esperado com essas ações, e o cenário interno ficou ainda mais instável (RODRIGUES; PEREIRA, 2020). Sem muitas alternativas no plano interno, Mikhail Gorbachev buscou se aproximar do Ocidente, particularmente dos EUA, conduta que arrefeceu a rivalidade entre norte-americanos e soviéticos. Como não poderia deixar de acontecer, tal aproximação com os norte-americanos também se fez refletir internamente na ex-URSS, revelando a debilidade do comunismo perante o mundo. Com isso, não tardou para o comunismo colapsar.

Os EUA, liderados por Ronald Reagan, se aproximaram da ex-URSS após a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder e, sob a justificativa de evitar uma catástrofe nuclear mundial, os norte-americanos realizaram quatro encontros com os soviéticos na segunda metade da década de 1980, todos voltados para negociar os termos do desarmamento em ambos os países (LEBOW; STEIN, 2004). O êxito do capitalismo, associado ao declínio do comunismo durante a segunda metade da década de 1980, propiciou as condições necessárias para que Ronald Reagan encorajasse Mikhail Gorbachev a derrubar o muro de Berlim, desejo que se tornou público em um pronunciamento feito pelo mandatário norte-americano durante um discurso em 12 de junho de 1987, no lado ocidental do muro de Berlim.

A Europa, insuflada pelos EUA, rapidamente começou a emitir sinais de que o comunismo estava caminhando para o seu colapso. Em 1986, um ano após Mikhail Gorbachev assumir o poder, os europeus firmaram o Ato Único Europeu, que, dentre as diversas propostas elencadas, também tinha como objetivo eliminar as fronteiras dos países europeus, facilitar a livre mobilidade dos cidadãos e estimular a circulação das

mercadorias no continente. Essa conjuntura estimulou a entrada de Espanha e Portugal na Comunidade Europeia em 1986, adesões que deram mais corpo ao projeto de unificação político-econômico europeu.

A Ucrânia, juntamente com a Rússia, compunha o centro de gravidade do poder soviético, uma vez que era responsável pela maior parte da produção agrícola soviética, abrigava grande parte do arsenal nuclear soviético, sediava boa parte da base industrial de defesa soviética e era um local onde havia importantes bases militares soviéticas, com destaque para a frota do mar Negro (RODRIGUES, 2022). Sem pontuar as questões históricas e psicossociais que ligam russos e ucranianos, fica claro que, durante a década de 1980, a Ucrânia era vital para a ex-URSS.

De maneira geral, pode-se inferir que a década de 1980 foi o período em que o capitalismo venceu o duelo contra o comunismo na arena global. Ao longo dessa década, o que se viu foi um capitalismo ficando cada vez mais forte e um comunismo caminhando a passos largos para o seu colapso, fatos que ficaram evidenciados após 1985. Em que pese a forte crise interna que assolava a ex-URSS nos primeiros anos dessa década, os soviéticos conseguiram disputar de igual para igual com os norte-americanos em todos os campos do poder. As Olimpíadas de Moscou são um exemplo dessa assertiva. O evento considerado divisor de águas no contexto dessa crise foi a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder na ex-URSS, cuja postura e política por ele adotadas foram capazes de desencadear uma série de eventos nas escalas local, regional e global, que, associados, foram determinantes para o colapso do comunismo.

A queda do muro de Berlim e a hegemonia norte-americana

A debilidade do comunismo permitiu a instauração de uma conjuntura extremamente favorável ao capitalismo na Europa. Com isso, não tardou para que, em 1989, cerca de dois anos após o pronunciamento realizado por Ronald Reagan no muro de Berlim, ocorresse o fato político mais importante do continente europeu durante a década de 1980. Trata-se da queda

do muro de Berlim, o maior símbolo da Guerra Fria, cuja construção foi concebida para separar a Alemanha Ocidental da Alemanha Oriental ou, também, separar o capitalismo do comunismo.

A queda do muro de Berlim representou o xeque-mate do capitalismo sobre o comunismo. Esse evento teve uma magnitude tão ampla que nenhum local do planeta ficou imune aos efeitos desse fato. E assim, sob a primazia do capitalismo, a última década do século XX se descortinou ao mundo. A disputa bipolar de outrora deu espaço para a globalização, cuja concepção era tornar um mundo sem fronteiras, mais justo e igualitário, onde todas as pessoas teriam acesso aos mesmos produtos e teriam as mesmas oportunidades. Entretanto, na prática, a globalização foi um fenômeno que acentuou as desigualdades existentes, em que os ricos se tornaram mais ricos e os pobres ficaram mais pobres.

Com tantas mudanças em curso, não tardou para o combalido Império Soviético se colapsar. Em 1991, apenas dois anos após a queda do muro de Berlim, algumas repúblicas integrantes da ex-URSS começaram a proclamar suas independências, dentre elas a Ucrânia, acontecimentos que deram início ao desmoronamento do maior império que o planeta viu durante o século XX. Sem a força de outrora, Mikhail Gorbachev nada pôde fazer em face dos diversos processos de independência que eclodiram na ex-URSS, e somente restou a ele o papel de passar o poder da Rússia para Boris Yeltsin, também em 1991.

Com a extinção da ex-URSS, a Rússia passou a ser vista pelo sistema internacional como sendo o principal representante do extinto Império Soviético, haja vista que a maior parte do arsenal militar, da população e do território soviéticos haviam permanecido com os russos. Entretanto um indício de que os russos não conseguiram se desvencilhar dos soviéticos foi que a forte instabilidade que havia na ex-URSS foi um cenário também presente na Rússia.

Diante desse quadro e sob a égide da globalização, Boris Yeltsin envidou esforços para retirar a Rússia da crise e quis implementar uma economia de mercado no país. Para tanto, o mandatário russo procurou realizar programas de privatização e de liberalização econô-

mica. Sem lograr êxito em tal empreitada, Boris Yeltsin mergulhou a Rússia em uma crise ainda mais sombria, com ápice em 1993, por ocasião da crise constitucional, momento em que o parlamento russo abriu um processo de *impeachment* contra o então presidente Boris Yeltsin, que, em contrapartida, dissolveu o parlamento e, não obstante, bombardeou as instalações do edifício que abrigava o parlamento (SEGRILLO, 2012). Em que pese o vasto território e o robusto poderio militar herdado da ex-URSS, a forte crise interna limitava a capacidade da Rússia em se projetar internacionalmente e exercer sua influência no planeta.

Diante desse cenário, os EUA tiveram seu caminho livre e não demorariam para alcançar o posto de única superpotência global. Os norte-americanos, de maneira hábil e inteligente, aproveitaram-se das transformações em curso e, por meio das instituições majoritariamente norte-americanas, ampliaram sua influência e, conseqüentemente, o seu poder no mundo. Não por acaso, várias empresas norte-americanas, como Microsoft, Nike e Coca-Cola, passaram a ser expoentes globais em seus ramos de atuação a partir da década de 1990. A ONU, revigorada e fortalecida após o término da Guerra Fria, finalmente conseguiu implementar o que havia sido previsto na Carta de São Francisco e, por meio das operações de paz, atuou para garantir a segurança e a paz no globo (RODRIGUES; MIGON, 2017). A consequência dessa postura se refletiu no aumento exponencial do número de suas missões de paz nesse período (DIEHL, 2008). E assim, sob os auspícios do institucionalismo e empregando uma estratégia indireta, os EUA aumentaram sua presença no globo e ditaram o tom nessa época.

A Europa, impulsionada pelo sucesso dos EUA, agiu rapidamente para erguer o bloco comum europeu, desejo antigo e que vinha desde o término da Segunda Guerra Mundial, mas que não pôde ser concretizado devido à Guerra Fria. Dessa forma, em 7 de fevereiro de 1992, foi assinado o Tratado de Maastrich pelos membros da comunidade europeia, acordo que lançou as bases para a criação da União Europeia em 1993.

Esse ambiente gerou as condições ideais para que a Europa capitalista iniciasse um movimento geopolítico para atrair os países europeus da antiga Cortina de

Ferro para sua esfera de influência. Com uma estratégia semelhante à praticada pelos EUA, a Europa capitalista, por meio das duas instituições supranacionais mais importantes do continente (União Europeia e Organização do Tratado do Atlântico Norte), iniciou seu avanço para o leste e, em 1999, registrou a entrada na OTAN da Hungria, da República Tcheca e da Polônia. Tais movimentos geopolíticos debilitaram ainda mais a frágil economia russa e causaram grande preocupação junto a Moscou, pois os russos entenderam que a estrutura de defesa do país estava comprometida. Sem forças, contudo, para evitar o crescimento da OTAN, coube aos russos somente o papel de se manifestar nas plataformas políticas.

A Ucrânia, da mesma forma que a Rússia, adentrou um período de elevada instabilidade interna, marcada predominantemente, pela corrupção dos agentes estatais e pelo crescimento das dívidas do Estado. Em que pese ter conquistado sua independência em 1991, o país ainda estava sendo tutelado por Moscou.

O principal exemplo disso reside na questão nuclear. Com a independência, a Ucrânia havia se tornado a 3ª maior potência nuclear do globo, ficando atrás apenas da Rússia e dos EUA, condição que chamou a atenção da comunidade internacional. Sob a justificativa de reduzir as armas nucleares no planeta, Rússia, EUA e Reino Unido firmaram o Memorando de Budapeste em 1994. Tal acordo político estabelecia, dentre outras coisas, determinadas garantias de segurança para a Ucrânia aderir ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Em resumo, com esse acordo, a Ucrânia renunciaria ao seu arsenal nuclear e, em contrapartida, os demais países deveriam respeitar a soberania e a integridade territorial da Ucrânia. De maneira rápida, apenas dois anos depois, em 1996, a Ucrânia concluiu a retirada das armas nucleares existentes em seu território. Não por acaso, 100% do arsenal nuclear ucraniano havia sido repassado para as mãos da Rússia.

Sob a perspectiva das relações internacionais, a queda do muro de Berlim foi um divisor de eras, pois foi capaz de desencadear uma série de eventos no globo, que reconfiguraram radicalmente as peças do tabuleiro geopolítico mundial. A paralisia da Guerra Fria deu lugar ao dinamismo da globalização, que, associada à

primazia do capitalismo, decretou o desmoronamento do Império Soviético. A bipolaridade de outrora sucumbiu perante a hegemonia dos EUA. Em termos geopolíticos, não restam dúvidas de que a década de 1990 foi ditada pelos norte-americanos. Sob o chapéu do institucionalismo e por meio da globalização, os EUA se apoiaram nas instituições, como a ONU, OTAN, Coca-Cola, Microsoft, Nike e até a indústria de Hollywood, para serem hegemônicos em todos os campos do poder e, dessa forma, exercerem sua influência nos mais diversos recantos do planeta. E assim, o mundo passou a vivenciar uma nova era: a globalização. Dessa vez, contudo, apenas os norte-americanos detinham a hegemonia no globo.

Os atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001 e o vácuo de poder

Na virada do século XXI, enquanto o mundo caminhava a passos largos para consolidar o seu processo de globalização, um fato ocorrido em solo estadunidense reposicionava mais uma vez as peças do tabuleiro geopolítico global. Trata-se dos atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001, nos EUA. Esses episódios marcaram uma mudança na postura política estadunidense. A resposta norte-americana em face dos atentados foi materializada por meio de uma declaração emitida pelo presidente George W. Bush, intitulada de Guerra ao Terror, que, dentre os diversos pontos anunciados, elencava a ameaça terrorista como sendo a prioridade número um da política norte-americana (FERREIRA, 2014).

Dessa forma, os EUA intervieram em países que, em sua concepção, abrigavam e/ou apoiavam células terroristas, como Afeganistão e Iraque. Sem o aval da ONU, mas com o apoio de sua população, os EUA se lançaram pesadamente no combate ao terrorismo no início do século XXI, dando início a uma verdadeira caçada a Osama Bin Laden, líder da Al-Qaeda. Nesse duelo, os norte-americanos obtiveram vitórias, mas também colheram derrotas. O resultado esperado veio após 10 anos de esforços, durante uma ação realizada por inte-

grantes das forças especiais norte-americanas em 2 de maio de 2011, que resultou na morte de Osama Bin Laden (RODRIGUES, 2020a).

Sem a mesma robustez da década de 1990, entretanto, e contando ainda com uma quantidade expressiva de tropas atuando no Iraque e no Afeganistão, os EUA deixaram a Europa à própria sorte. Esse reordenamento de esforços da política externa estadunidense gerou um vácuo de poder na Europa, atitude que foi o fiel da balança para a geopolítica russa (RODRIGUES; PEREIRA, 2020).

A Rússia, por seu turno, inaugurou um período de profundas mudanças com a ascensão de Vladimir Putin ao poder em 1999. Preocupado com o avanço da OTAN em direção ao Leste Europeu e querendo recuperar o prestígio do país no sistema internacional, Vladimir Putin começou um processo de forte investimento no setor de defesa, dando início a uma grande reorganização de suas Forças Armadas (MCFAUL, 2000). A lacuna deixada pelos EUA na Europa, associada à ascensão de Vladimir Putin ao poder, gerou um cenário extremamente favorável no início do século XXI para os russos atuarem com liberdade de ação em sua área de influência.

Sustentada pela reestruturação das Forças Armadas que estava em curso, a Rússia, paulatinamente, começou a realizar movimentos geopolíticos pontuais em seu entorno regional. A principal manobra geopolítica russa realizada nesse período ocorreu em 2008, em decorrência da manifestação da OTAN em incluir a Ucrânia e a Geórgia em sua aliança militar. Nesse episódio, Vladimir Putin alertou os diplomatas norte-americanos de que as medidas para trazer a Ucrânia e a Geórgia para a OTAN seriam consideradas como um ato hostil à Rússia. Não por acaso, meses depois, a Rússia interveio na Geórgia, deixando claro que uma linha vermelha havia sido ultrapassada (RODRIGUES, 2022). Com um significativo poder militar no Iraque e no Afeganistão, os EUA nada puderam fazer diante da ação russa.

Haja vista o sucesso alcançado nesse acontecimento, Vladimir Putin investiu ainda mais em suas Forças Armadas e passou a destinar cerca de 50% de seu orçamento militar a novos equipamentos (DA SILVA,

2018). Dessa forma, enquanto os EUA combatiam o terrorismo e caçavam Osama Bin Laden, a Rússia foi modernizando o seu poderio militar e, por meio dele, foi se reerguendo no tabuleiro geopolítico global.

A Europa, por sua vez, procurou consolidar o processo de unificação no continente. Da mesma forma como os norte-americanos haviam feito na década de 1990 para exercer a liderança no globo, os europeus se apoiaram nas instituições para exercer sua influência na Europa. Para tanto, a Europa realizou uma manobra geopolítica ousada, que ficou caracterizada pelo alinhamento com as Nações Unidas e pelo crescimento das duas principais instituições supranacionais do continente: União Europeia e OTAN.

Motivada pelos ideais construtivistas, a Europa redefiniu sua postura política. Com base no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, os europeus adotaram uma política voltada para a pessoa e não para o Estado (RODRIGUES, 2020b). Dessa forma, passaram a priorizar outros temas em sua agenda, tais como: terrorismo, meio ambiente, mobilidade humana forçada, segurança alimentar, dentre outros (WOODWARD, 2004). O crescimento das instituições ficou evidenciado pelo rápido alargamento da União Europeia e pela agressiva expansão da OTAN rumo ao Leste Europeu. Para que se tenha uma ideia, entre 2000 e 2010, a União Europeia registrou a adesão de 12 novos Estados. A OTAN, no mesmo período, assinou a entrada de 9 novos países em sua aliança militar.

Entretanto o crescimento da União Europeia e da OTAN não necessariamente resultou no fortalecimento delas, haja vista que ambas ficaram paralisadas e nada puderam fazer diante da intervenção russa na Geórgia em 2008. Com o distanciamento dos EUA, a Europa ficou inerte em face do ataque russo à Geórgia. Nem a adesão à OTAN de nove Estados foi capaz de tornar a instituição robusta o suficiente para gerar uma resposta militar diante de um ataque da Rússia a um país europeu.

A Ucrânia, por sua vez, adentrou um período de forte turbulência interna. Os debates sobre o ingresso ou não na União Europeia e na OTAN ficaram cada vez mais polarizados no seio da sociedade e dividiram a população ucraniana em dois grandes grupos: um

grupo era composto por parte da população que estava atraída pelas promessas de um capitalismo pulsante europeu; o outro grupo era composto por parte da população que ainda estava alinhada com os laços históricos existentes entre russos e ucranianos. País jovem e sem maturidade institucional, não tardou para ingressar em uma grave crise política em 2004.

Sob forte acusação de fraudes, os resultados das eleições presidenciais em 2004 decretaram a vitória para o candidato da situação, Viktor Yanukovich (pró-Rússia), cômputo divergente daquilo que estava sendo apontado pelas pesquisas eleitorais, que davam a vitória para o candidato da oposição Viktor Yushchenko (pró-União Europeia). Esse resultado desencadeou uma onda de protestos em todo o país, com os manifestantes usando a cor laranja em apoio a Viktor Yushchenko, uma vez que ele havia adotado essa cor em sua campanha eleitoral. Conhecida como Revolução Laranja, essa rebelião foi capaz de mobilizar a sociedade ucraniana de tal forma que, um mês depois do ocorrido, a Ucrânia realizou outro plebiscito presidencial. Dessa vez, contudo, o resultado das eleições confirmou aquilo que as pesquisas apontavam e decretou a vitória das eleições presidenciais de 2004 ao candidato da oposição Viktor Yushchenko.

Os ataques terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001 nos EUA possuem extrema relevância, porque foi a única vez na história em que os norte-americanos foram golpeados em seu próprio território. Sob a autoria da Al-Qaeda, os atentados descortinaram a fragilidade daquela que era a única superpotência global até então. Com uma população ressentida com o terrorismo, e em especial com Osama Bin Laden, os EUA não tiveram outra opção, senão combater o terror, conduta que reconfigurou o tabuleiro geopolítico global mais uma vez.

Tendo como inimigo o terrorismo, os norte-americanos tiveram que se distanciar da Europa, porque não detinham a robustez geopolítica de outrora. A Europa, por sua vez, equivocou-se em sua análise situacional, pois acreditou que os EUA detinham a força e a vontade necessárias para sustentá-la geopoliticamente em seu projeto de expansão para o leste. De maneira precipitada, a Europa, por meio de suas principais

instituições (União Europeia e OTAN), realizou movimentos geopolíticos claudicantes no continente. Tais movimentos despertaram a Rússia, que, além de estar incomodada com o avanço europeu em sua direção, compreendeu de forma acertada as mudanças em curso no tabuleiro geopolítico global. E, assim, os russos não titubearam em atacar a Geórgia em 2008, dando um recado claro ao mundo de que haviam se recuperado da crise enfrentada na década de 1990 e ocupado o vácuo de poder deixado pelos norte-americanos na Europa. A Ucrânia, com uma democracia jovem e com instituições frágeis, não conseguiu superar as turbulências internas e não soube lidar com as pressões externas oriundas da Rússia e do Ocidente, fatos que a mantiveram na forte crise que assolava o país desde a década de 1990.

O surgimento do Estado Islâmico e o ressurgimento do Grande Urso

A morte de Osama Bin Laden, em 2011, deu espaço para a, ascensão do Estado Islâmico no tabuleiro geopolítico mundial. Não por acaso, os números relativos aos atentados terroristas cresceram quase 300% entre 2011 e 2014. Com um *modus operandi* que procurava tornar público, por meio da *internet*, as ações terroristas praticadas pelo grupo, o Estado Islâmico ganhou grande projeção em um curto espaço de tempo, e não tardou para a comunidade internacional reagir. O pronunciamento feito por Abu Bakral-Baghdadi (líder do Estado Islâmico), em 29 de junho de 2014, momento em que autoproclamou o Estado Islâmico um califado, chamou a atenção de todos e gerou a centelha que faltava para que alguns países reagissem diante da ambição geopolítica demonstrada pelo Estado Islâmico (RODRIGUES, 2020a).

E, assim, em 2014, os EUA formaram uma coalizão de Estados e passaram a combater novamente o terrorismo. Dessa vez, porém, o oponente era outro: o Estado Islâmico. A vitória das forças da coalizão se deu em 27 de outubro de 2019, data em que Abu Bakral-

-Baghdadi foi morto pelas forças da coalizão, dando, dessa forma, um xeque-mate nas atividades terroristas do grupo. Os norte-americanos, todavia, ainda estavam comprometidos com suas forças militares em outros dois teatros de operações: Iraque e Afeganistão, locais em que os EUA estavam presentes desde o início do século XXI. Sob a justificativa de capturar Osama Bin Laden e Saddam Hussein e depois tentarem reconstruir o Afeganistão e o Iraque, os norte-americanos foram estendendo seu tempo de intervenção nesses países, postura que manteve os EUA afastados geopoliticamente da Europa.

A Rússia, por sua vez, aproveitou-se do êxito alcançado em sua investida realizada na Geórgia e do distanciamento dos EUA junto à Europa para se estruturar e efetuar movimentos geopolíticos eficientes e oportunos. Para tanto, Vladimir Putin envidou esforços nos mais variados campos do poder para exercer sua influência no entorno regional e recuperar o seu *status* de *player* global.

No campo psicossocial, a Rússia mostrou seu lado *soft power*, ao sediar os XXII Jogos Olímpicos de Inverno em 2014, realizado na cidade de Sochi, e a Copa do Mundo de Futebol em 2018 (KORNEEVA; OGURTSOV, 2016). Na esfera militar, a Rússia exerceu seu lado *hard power* quando interveio na Síria em 2015, oportunidade em que pôde testar novos equipamentos e colocar em prática uma doutrina militar inédita, baseada na guerra híbrida (BERZINS, 2020). No campo geopolítico, a Rússia foi cirúrgica, pois anexou a Crimeia em 2015, região de grande importância estratégica, haja vista que ela permite a saída da frota naval russa para as águas quentes do mar Negro (LIMA; LIMA, 2021). Tudo isso foi possível graças à manutenção de Vladimir Putin no poder. Com exceção do período compreendido entre 2008 e 2012, momento em que exerceu o cargo de primeiro-ministro, desde 1999 Vladimir Putin sempre esteve à frente da Rússia como presidente.

A Europa, sem o apoio dos EUA, iniciou um período instável, incerto e volátil. As fissuras apresentadas pelas principais instituições europeias no início do século XXI, associadas ao ambiente VUCA¹, desencadearam uma série de fatos que debilitaram ainda mais a OTAN

e a União Europeia, descortinando a fragilidade delas perante ao mundo.

Senão vejamos: o crescimento acelerado da União Europeia entre 2000 e 2010 foi mal planejado e pecou pela ambição, pois contribuiu de forma decisiva para a eclosão de uma grave crise econômica em 2011. Também conhecida como crise dos PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha), esse episódio ficou marcado pelo endividamento público elevado de alguns países da Zona do Euro. Além disso, a tão sonhada proposta kantiana da União Europeia não foi alcançada, em decorrência da onda de refugiados oriundos de países que estavam em conflitos na África e no Oriente Médio, que inundou a Europa, fenômeno que ocasionou sérios problemas estruturais em um continente que nem havia se recuperado da crise financeira de 2011. Como se não bastasse, a participação da OTAN no combate ao terrorismo foi inoportuna, pois gerou efeitos colaterais na própria população europeia. Como retaliação, o Estado Islâmico, além de aumentar o número de ataques terroristas em solo europeu, também passou a recrutar recursos humanos na Europa para integrar seus quadros. Com problemas e desafios de toda ordem, a Europa ainda teve que se deparar com a saída oficial do Reino Unido da União Europeia em 2020, ou simplesmente Brexit, evento que desencadeou a maior crise de identidade do bloco europeu até então.

A Ucrânia, sem sofrer com o terrorismo em seus limites, continuou instável e com grandes desafios a serem superados. Com uma população polarizada, a Ucrânia adentrou um período marcado inicialmente pela alternância de ideologias políticas no cargo mais alto do país. Para que se tenha uma ideia, após a Revolução Laranja em 2004, o país foi governado por Viktor Yushchenko (alinhado com a Europa), que ficou no poder até 2010, e foi substituído por Viktor Yanukovich (alinhado com a Rússia), que ficou no poder até 2014. Ou seja, a Ucrânia executou movimentos geopolíticos pendulares, ora se alinhando ao Ocidente, ora pendulando para Moscou. Essa postura geopolítica deixou o cenário interno ainda mais volátil, e não tardou para o país vivenciar outra turbulência política.

Com isso, em finais de 2013, eclodiu a *Euromaidan*, que, em síntese, constituiu-se em uma revolução civil liderada por estudantes e que conseguiu derrubar Viktor Yanukovich do cargo de presidente da Ucrânia. A resposta russa veio meses depois, já em 2014, com a anexação da Crimeia. A perda da Crimeia foi uma grande derrota para o país, mas se tornou um ponto de inflexão da política e da geopolítica praticada na Ucrânia. No campo político, o país passou a ter presidentes alinhados com o Ocidente após esse episódio: entre 2014 e 2019, a Ucrânia foi governada por Petro Poroshenko e, desde 2019, o país vem sendo governado por Volodymyr Zelensky. Com relação à postura geopolítica, percebe-se claramente uma mudança abrupta com a ascensão de Volodymyr Zelensky ao poder. Dentre as inúmeras promessas de campanha realizadas, Volodymyr Zelensky enfatizou o desejo de se aproximar do mundo ocidental. Tal ambição se transformou em ações para o país entrar na União Europeia e na OTAN. Uma delas foi a precedência dada ao tema no documento de defesa de mais alto nível do país, elencada como prioritária no Livro Branco de Defesa da Ucrânia de 2021 (MINISTRY OF DEFENCE OF UKRAINE, 2021). E, assim, a geopolítica da Ucrânia passou a atuar de forma mais imperativa e alinhada com o Ocidente.

O protagonismo alcançado pelo Estado Islâmico no cenário internacional em meados da segunda década do século XXI foi de tal ordem que desencadeou importantes movimentos no tabuleiro geopolítico global. Empenhados na luta contra o terror, os norte-americanos sentiram-se obrigados a combater o Estado Islâmico, postura que limitou a capacidade de atuação na Europa, haja vista que também tinham tropas no Iraque e no Afeganistão. A Rússia, agindo de maneira incisiva, estruturou-se em todos os campos do poder e efetuou movimentos geopolíticos contundentes em seu entorno regional. O mais significativo foi a anexação da Crimeia, episódio que passou despercebido do Ocidente, mas que teve importância geopolítica relevante, pois simbolizou o ressurgimento do Grande Urso no tabuleiro geopolítico global. A Europa, pertencente à civilização ocidental, foi o ator que mais colheu derrotas nesse período. Enfrentando crises de toda ordem, o

continente foi o retrato fiel do ambiente VUCA e nada pôde fazer em face da anexação da Crimeia. A Ucrânia, por sua vez, vivenciou um ponto de inflexão em sua história. A perda da Crimeia para a Rússia gerou fortes ressentimentos na população ucraniana, que se tornaram determinantes para a mudança da postura política e da geopolítica adotada pela Ucrânia, que passou a ser mais assertiva e fortemente eixada com o Ocidente.

A retirada dos EUA do Afeganistão e a perda da liberdade de ação russa

Enquanto o mundo envidava esforços no combate à pandemia da covid-19, um fato ocorrido em agosto de 2021 inseria ingredientes adicionais à crise do Leste Europeu e reordenava mais uma vez as peças do tabuleiro geopolítico global. Trata-se da retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão. Mesmo sendo um Estado colapsado e estando longe de ser um *player* global, o Afeganistão ocupa uma posição estratégica nesse tabuleiro. Não por acaso, a retirada dos EUA desencadeou vários fenômenos importantes em escalas local, regional e global (RODRIGUES, 2021).

Os EUA, além de estar sofrendo os efeitos colaterais da pandemia do covid-19 (quarentena, desemprego, queda do PIB, mortes etc.), passaram a ser pressionados por sua própria população pelo longo tempo de permanência no Afeganistão e os elevados custos decorrentes desse período prolongado. Como Joe Biden havia feito uma promessa de retirar os EUA do Afeganistão até setembro de 2021, ele ignorou os relatórios oriundos da inteligência estadunidense e, no pronunciamento realizado em 30 de agosto de 2021, decretou oficialmente a saída dos norte-americanos do Afeganistão. Mesmo sendo amplamente criticado por vários países do sistema internacional, Joe Biden manteve a decisão. Por mais atabalhoada que tenha sido, a retirada dos EUA do Afeganistão foi um movimento geopolítico inteligente e preciso, pois permitiu aos norte-americanos a possibilidade de ter a liberdade de ação necessária para concentrar seus esforços em seus objetivos prioritários: China e Rússia.

Com liberdade de ação, os EUA tiveram o fôlego necessário para intervir na guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Nessa guerra, está claro que os norte-americanos estão apoiando a Ucrânia. Para tanto, estão empregando uma estratégia caracterizada por sanções econômicas, pelo envio de materiais de emprego militar (MEM) e pela atuação de instituições. Um exemplo de sanção econômica é a retirada da Rússia do sistema *swift*. O envio de MEM ficou evidenciado durante a declaração emitida pelo secretário de imprensa do Pentágono, John Kirby, em 1º de abril de 2022, quando anunciou a doação de US\$ 300 milhões em equipamentos militares à Ucrânia (EUA, 2022). Com relação às instituições, a saída de empresas, como Nike, Ford e Mc Donalds do território russo, ajuda a degradar ainda mais a economia russa durante a guerra, e a atuação de *Big Techs*, como Google, YouTube, Facebook, WhatsApp, Instagram, Apple, Microsoft e Amazon, no conflito, contribui decisivamente para o Ocidente moldar o ambiente informacional e exercer o domínio da narrativa durante a guerra (CORRÊA, 2022).

A Rússia, por sua vez, não compreendeu a manobra geopolítica realizada pelos EUA quando saíram do Afeganistão. E, assim, Moscou pecou quando invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022, pois acreditava que os norte-americanos não teriam condições de atuar externamente devido aos efeitos colaterais ocasionados pelo covid-19. O ambiente VUCA de outrora deu lugar ao ambiente BANI² (frágil, ansioso, não linear e incompreensível) dos dias atuais, no qual tudo acontece ao mesmo tempo (pandemia, mudanças climáticas, terrorismo, ascensão da China como *player* global, Europa combatida, guerra informacional, guerra cibernética etc.), e o que se viu foi uma forte reação oriunda do Ocidente, ora encorajando, ora auxiliando a Ucrânia na guerra contra a Rússia.

Não se sabe ao certo qual é a intenção geopolítica da Rússia neste momento. Alguns analistas entendem que o país ambiciona desequilibrar a balança de poder e acelerar o processo de tornar o mundo multipolar. Outros analistas inferem que a manobra russa é depor Volodymyr Zelensky do poder e colocar um governo alinhado com a Rússia. A versão oficial de Moscou se traduz em uma operação militar especial que visa aju-

dar as províncias ucranianas de Luhansk e Donetsk em seus processos de emancipação. Independente das versões existentes, a Rússia está encontrando dificuldades para alcançar seus objetivos, pois não vislumbrava que o Ocidente iria se mobilizar e ajudar a Ucrânia da maneira como está ocorrendo.

A Europa, mesmo fragilizada e carente de uma liderança expressiva desde a saída de Angela Merkel à frente da Alemanha, vem realizando movimentos geopolíticos significativos no transcorrer dessa guerra. Da mesma forma que os norte-americanos, os europeus apoiam a Ucrânia. Para tanto, utilizam uma estratégia indireta que contempla o emprego da União Europeia, da OTAN e de algumas empresas.

Por intermédio da União Europeia, a Europa impôs uma série de sanções à Rússia, que abarcam o setor de transportes, a economia, o setor energético e até as vias diplomáticas. Por meio da OTAN, os europeus estão oferecendo ajuda militar aos ucranianos, posicionamento que se tornou público durante o pronunciamento feito pelo secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, em 7 de abril de 2022, momento em que deixou claro que a OTAN prestava ajuda militar aos ucranianos e que a assistência se traduzia, tão somente, no envio de armas e no fornecimento de ajuda humanitária à Ucrânia (DEUTSCHE WELLE, 2022). Por meio de algumas empresas, como Spotify, Adidas e Shell, a Europa busca pressionar ainda mais a economia russa, uma vez que tais empresas encerraram suas atividades na Rússia.

A Ucrânia, sob a liderança de Volodymyr Zelensky, surpreendeu a todos e vem oferecendo uma grande resistência em seu território. A mudança da postura política ucraniana tem encontrado forte apoio de sua população, que tem na figura de Volodymyr Zelensky o líder que o país precisa nessa guerra. Por meio das redes sociais, a Ucrânia está conseguindo obter uma certa vantagem no domínio informacional da guerra. De maneira inteligente e hábil, o presidente ucraniano tem sensibilizado o lado ocidental do conflito, que, por sua vez, tem apoiado os ucranianos por meio de ações no campo político, econômico e militar.

Em que pesem os bilionários prejuízos que a Ucrânia está sofrendo nessa guerra, decorrente dos bom-

bardeios efetuados pela Rússia em seu território, ainda é cedo para concluir se o país está ganhando ou perdendo esse embate. Como diz Clausewitz (1983), há uma névoa cinza que paira sobre uma guerra, pelo que torna difícil depreender sobre seu futuro. E nesse conflito não é diferente, pois o elevado número de variáveis presentes torna difícil o exercício de prever o cenário futuro.

A retirada dos EUA do Afeganistão foi um evento duramente criticado pela sociedade internacional, especialmente pela maneira como ocorreu. Ao saírem do Afeganistão, contudo, os EUA puderam ter a liberdade de ação necessária para intervirem no conflito. Como uma estratégia antiga, a mesma utilizada na década de 1990, mas com uma abordagem ajustada aos dias atuais, uma espécie de “*proxy wars*” contextualizada ao ambiente BANI, os EUA empregam as instituições, notadamente as *Big Techs*, para atuar nessa guerra. A Rússia, por sua vez, não compreendeu os movimentos realizados pelos EUA no tabuleiro geopolítico global. Logo, cometeu um erro ao invadir a Ucrânia, pois não entendeu que a saída dos EUA do Afeganistão resultaria no aumento de liberdade de ação norte-americana e, automaticamente, na perda de liberdade de ação russa. A Europa, encorajada pelos EUA e por meio das instituições, age de forma significativa no transcurso dessa guerra. O apoio da OTAN junto à Ucrânia tem fortalecido a resistência dos ucranianos e, sob a liderança de Volodymyr Zelensky, a Ucrânia, mesmo arrasada, tem surpreendido o mundo.

Considerações finais

Ao analisar os movimentos geopolíticos efetuados pelos principais atores envolvidos na crise do Leste Europeu desde 1980 até os dias atuais, sob a perspectiva da complexidade, esta pesquisa apresenta algumas considerações.

A primeira consideração é sobre os fatos históricos aqui apresentados. De todos, três foram determinantes e desencadearam uma série de eventos no cenário internacional, que influenciaram fortemente os países analisados neste artigo. O primeiro é a queda do muro de Berlim, que reconfigurou radicalmente a ordem mundial, pois decretou simbolicamente

o fim do comunismo, da mesma forma que alçou os EUA ao posto de única superpotência global na década de 1990. O segundo fato histórico de relevo foram os atentados terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001, que não tiveram a mesma magnitude que a queda do muro de Berlim, mas tiveram a capacidade de reorientar a postura geopolítica do principal *player* global, que priorizou o combate ao terrorismo em sua política externa, atitude que fez grande diferença no transcurso dessa crise. E o terceiro episódio histórico proeminente é a retirada das tropas norte-americanas do Afeganistão em agosto de 2021, conduta muito criticada pela sociedade internacional, mas que revelou ser uma manobra geopolítica muito bem conduzida pelos EUA, pois propiciou a tão desejada liberdade de ação aos norte-americanos, condição fundamental para que pudessem atuar em seus dois objetivos estratégicos prioritários: China e Rússia.

A segunda consideração é sobre o comportamento geopolítico dos principais atores nesse conflito. Nessa perspectiva, pode-se concluir que o fiel da balança nessa crise foi a postura adotada pelos EUA ao longo desses 40 anos, que definiu a postura geopolítica russa. Nesse prisma, verifica-se que o único período em que os russos tiveram a liberdade de ação necessária para se estruturar e efetuar movimentos geopolíticos importantes no cenário internacional foi a época em que os EUA desencadearam a Doutrina Bush, que previa o combate ao terrorismo. Nos demais períodos, década de 1980, década de 1990 e a partir de agosto de 2021, por razões diversas, os russos não possuíram a liberdade de ação desejável para realizar movimentos geopolíticos mais incisivos:

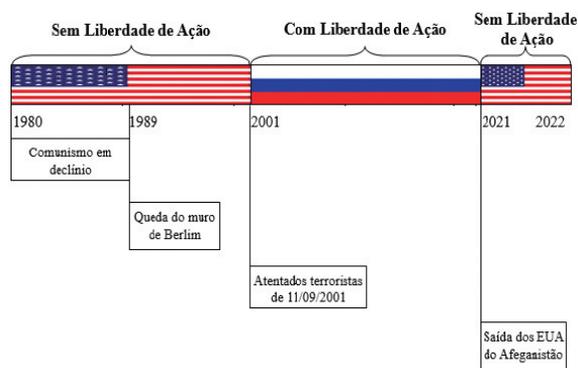


Figura 1 – Liberdade de Ação Geopolítica da Rússia
Fonte: O autor, 2022

A terceira consideração é com relação à Europa. Pelo que foi apresentado, ficou claro que ela atuou alinhada com os EUA nesses 40 anos. O continente, todavia, só foi um ator geopolítico relevante nos momentos em que os norte-americanos o apoiaram de maneira mais incisiva. Entre 2001 e 2021, período em que os EUA estavam comprometidos com a guerra contra o terror, a Europa realizou movimentos geopolíticos claudicantes. Ou seja, a Europa sozinha é um tipo de ator. A Europa com os EUA se torna um ator muito mais forte.

A última consideração é sobre a Ucrânia. Com fortes laços históricos com a Rússia, o país está encontrando muitas dificuldades para sair da órbita de influência russa e ingressar na esfera de influência ocidental. Os ressentimentos ucranianos decorrentes da perda da

Crimeia e os que estão surgindo nesse conflito fortalecem ainda mais o desejo da Ucrânia de se aproximar do eixo euro-atlântico. O futuro da Ucrânia, todavia, ainda é incerto, pois é um exercício de difícil resolução. O mais correto a afirmar, neste momento, é que, enquanto perdurar a guerra, tudo pode acontecer.

Caminhando para a parte final, cumpre destacar que este estudo não teve a pretensão de esgotar o assunto e nem tampouco quis impor uma verdade aos fatos, mas tão somente procurou analisar a crise no Leste Europeu à luz da teoria da complexidade. Dessa forma, acredita-se que a perspectiva adotada contribuiu para o debate em curso, da mesma forma que auxilia o entendimento sobre a guerra que está acontecendo entre a Rússia e a Ucrânia. 

Referências

BERZINS, Janis. **The theory and practice of new generation warfare: The case of Ukraine and Syria**. The Journal of Slavic Military Studies, Vol. 33, nº 03, 2020.

BOUSQUET, Antoine; CURTIS Simon. **Beyond models and metaphors: complexity theory, systems thinking and international relations**. Cambridge Review of International Affairs, Vol. 24, nº 1, p. 43-62, 2011.

BRASIL. **Livro Branco de Defesa Nacional – 2012**. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/2012/mes07/lbdn.pdf>. Acesso em: 21 abr 2022.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. Tradução do original para o inglês por Michael Howard e Peter Paret. New York: Oxford University Press, 1983.

CORRÊA, Marlos de Mendonça. **As Big Techs e o conflito Rússia vs Ucrânia: o domínio informacional**. Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME: Rio de Janeiro. 2022.

COSTA, José Luiz Machado e. **Ameaça externa e defesa nacional**. O Estado de São Paulo, 20 abr 2022.

DA SILVA, Peterson F. **O Debate sobre Transformação Militar: o caso da força terrestre da Rússia e os reflexos para seu Complexo Industrial Militar**. Centro de Estudos Estratégicos do Exército, Vol. 10, nº 4, 2018.

DEUTSCHE, Welle. **NATO chief pledges more assistance for Ukraine and neighbors**. DW, 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/en/nato-chief-pledges-more-assistance-for-ukraine-and-neighbors/a-61394391>. Acesso em: 29 maio 2022.

DIEHL, Paul. Peace Operations. Malden: Polity Press, 2008.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of Defense. **Defense Department Announces \$300 Million in Additional Assistance for Ukraine**. U. S. Department of Defense, 2022. Disponível em: <https://www.defense.gov/News/Releases/Release/Article/2987119/defense-department-announces-300-million-in-additional-assistance-for-ukrain-e/#>.

YkegNCnR4iA.twitter. Acesso em: 29 maio 2022.

FARIAS, Hélio Caetano. **Geopolítica e Guerra na Ucrânia: algumas considerações**. Observatório Militar da Praia Vermelha. Rio de Janeiro: ECEME, 2022.

FERREIRA, M. A. S. V. **Panorama da Política de Segurança dos Estados Unidos após o 11 de Setembro: o Espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do Estado**. In: SOUZA, A. Mello. et. al. Do 11 de setembro de 2001 à guerra ao terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI, p. 45-64. Brasília: IPEA, 2014.

GAVINI, Fernando. **Guerra Fria tirou o brilho de Moscou-1980 e Los Angeles-1984**. Disponível em: <https://www.olimpiadotododia.com.br/curiosidades-olimpicas/253721-boicotes-jogos-olimpicos/>. Acesso em: 5 maio 2022.

GEYER, R; RIHANI, S. **Complexity and Public Policy**. London: Routledge, 2010.

HORGAN, J. **From complexity to perplexity**. Science American, Vol. 272, nº 6, p. 104-109, 1995.

HOWARD, Michael. **Clausewitz: A Very Short Introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.

KORNEEVA, Vera A; OGURTSOV, Evgeny S. **The Politicization of Sports as a Soft Power Public**. Indian Journal of Science and Technology, Vol. 9, nº 29, 2016.

LEBOW, Richard Ned; STEIN, Janice Gross. **Did Reagan Win the Cold War?** Center for Contemporary Conflict, 2004.

LIMA, Jean S; LIMA, Nathalia S. R. **Crimeia e Além: A política externa assertiva da Rússia e seus impasses com o Ocidente**. Mural Internacional, Vol. 12, 2021.

MCFAUL, Michael. **Putin in Power**. Current History, Vol. 99, nº 639, 2000.

MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. **Estudos da Paz e da Guerra: síntese da contribuição de Grotius e Bobbio**. Coleção Meira Mattos, Vol. 2, p. 53-62, 2002.

MINISTRY OF DEFENCE OF UKRAYNE. **White Book 2019-2020 – The Armed Forces of Ukraine and The State Special Transport Service**. Kyiv: Ministry of Defence of Ukraine, 2021.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **A importância geopolítica da Ucrânia para Moscou**. EBLOG, 2022. Disponível em: <http://eblog.eb.mil.br/index.php/menu-easyblog/a-importancia-geopolitica-da-ucrania-para-moscou.html>. Acesso em: 11 maio 2022.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **Afeganistão: epicentro da geopolítica global**. Observatório Militar da Praia Vermelha. ECEME: Rio de Janeiro. 2021.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **O terrorismo durante o século XXI**. NEEDS-UFSCAR, 2020a. Disponível em: http://needs.df.ufscar.br/site/lk/sys_download_2017.php?file=fotos/907362a05criacaodesitescrisoft.pdf&newFile=artigo_-_5_-_needs_-_anselmo_de_oliveira_rodrigues_-_vfinal.pdf. Acesso em: 21 maio 2022.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira. **Estados Falidos: Da origem às intervenções das Nações Unidas no pós-Guerra Fria**. Coleção Meira Mattos, Vol. 14, nº 50, p. 211-230, maio/agosto, 2020b. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/view/3159/3598>. Acesso em: 21 maio 2021.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. **O papel do Brasil na evolução das Operações de Paz**. Carta Internacional, Vol. 12, nº 3, p. 77-103, 2017.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. (2019). **Do Acordo Tripartido (1988) ao Acordo de Paz em 2002: O Processo de Paz Conduzido em Angola**. Revista Brasileira de Estudos Africanos, Vol. 4,

nº 7, p. 51-83, 2019.

RODRIGUES, Anselmo de Oliveira; PEREIRA, Ricardo de Amorim Araújo. **O conflito entre a Rússia e a Ucrânia em 2014, sob a ótica geopolítica russa.** Revista da Escola de Guerra Naval, Vol. 26, nº 1, p. 198-219. jan/abr 2020.

SCHMID, Alex P. **The Routledge Handbook of Terrorism Research.** New York:Routledge, 2011.

SEGRILLO, Ângelo. 2012. **A questão da democracia na Rússia pós-soviética.** In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pinelli. O Renascimento de uma potência?: a Rússia no século XXI, p. 97-128. Brasília: IPEA, 2012.

SRIDHARAN, MITHUN. **BANI: A new framework to make sense of a chaotic world?** Thinking Insights, 2021. Disponível em: <https://thinkinsights.net/leadership/bani/>. Acesso em: 29 maio 2022.

VISACRO, A. **Não basta vencer em múltiplos domínios: conjecturas sobre a nova doutrina do Exército dos Estados Unidos e os conflitos na zona cinza.** Coleção Meira Mattos, Vol. 14, nº 50, p. 187-209, 2020.

WIGMORE, Ivy. **VUCA (volatility, uncertainty, complexity and ambiguity).** Massachusetts: TechTarget, 2017. Disponível em: <https://whatis.techtarget.com/definition/VUCA-volatility-uncertainty-complexity-and-ambiguity>. Acesso em: 8 maio 2022.

WOODWARD, Susan L. **Fragile States: exploring the concept.** Conference at Fride: Failed States or Failed models. Madrid, 2004. Disponível em: http://conflictfieldresearch.colgate.edu/wp-content/uploads/2015/02/Fragile-States_Exploring-the-Concept.pdf. Acesso em: 21 maio 2022.

Notas

- ¹ Acrônimo que significa volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade. Este termo foi inicialmente citado no United States Army War College, durante a década de 1980, e pretendia descrever as condições em que o mundo se encontrava após a Guerra Fria. Nos últimos anos, o termo se popularizou e tem sido adotado também por empresas e por governos (WIGMORE, 2017).
- ² O conceito BANI (*brittle, anxious, nonlinear and incomprehensible* – frágil, ansioso, não linear e incompreensível) foi cunhado pelo antropólogo norte-americano Jamais Cascio durante um evento do Institute of the Future e se tornou conhecido em 2020, diante do colapso mundial causado pela pandemia do coronavírus covid-19 (SRIDHARAN, 2021).
- ³ Também conhecido como guerras de procuração, o termo *proxy wars* foi amplamente utilizado durante a Guerra Fria para se referir às guerras que eclodiram na segunda metade do século XX. De acordo com Schmid (2011), as *proxy wars* são uma forma indireta de confronto entre os países que, por meio das guerras de procuração, exercem a sua influência apoiando outros Estados por meio de armas, recursos financeiros, dentre outros.